

Viagem Geoartística pela Gruta do Maquiné: relato de uma aula de campo interdisciplinar

Geoartistic journey through Maquine Cave: report of an interdisciplinary field trip

Francisco de Paulo D'Avila Júnior¹
Fabíola Vasconcelos de Almeida²

Resumo

O presente relato apresenta a experiência da Viagem Geoartística pela Gruta do Maquiné, realizada com estudantes do primeiro ano do Novo Ensino Médio da Escola Estadual Bernardo Valadares de Vasconcellos (Sete Lagoas-MG), como proposta interdisciplinar entre Arte e Geografia. A atividade surgiu da necessidade de romper com a fragmentação curricular e aproximar os conteúdos escolares das vivências concretas dos estudantes. A metodologia foi qualitativa, baseada na observação participante dos professores, e envolveu etapas de preparação teórica, saída de campo e atividades reflexivas pós-visita. A fundamentação teórica apoia-se na concepção da educação como processo complexo, em que a interdisciplinaridade e a aula de campo ampliam a compreensão e a formação crítica. Como resultado, constatou-se que a vivência interdisciplinar fortaleceu o protagonismo estudantil, favorecendo aprendizagens e uma leitura crítica e sensível do território investigado.

Palavras-chave: Arte; Aula de campo; Geografia; Interdisciplinaridade.

Abstract

This report presents the experience of the Geo-artistic Trip to Maquine Cave, carried out with first-year students of the New High School at Bernardo Valadares de Vasconcellos State School (Sete Lagoas-MG), as an interdisciplinary proposal between Art and Geography. The activity arose from the need to overcome curricular fragmentation and bring school content closer to the students' concrete experiences. The methodology was qualitative, based on the teachers' participant observation, and involved stages of theoretical preparation, field trip, and reflective activities post-visit. The theoretical foundation is based on the conception of education as a complex process, in which interdisciplinarity and field trips broaden understanding and critical formation. As a result, it was found that the interdisciplinary experience strengthened student protagonism, fostering learning and a critical and sensitive reading of the investigated territory.

Keywords: Art; Field class; Geography; Interdisciplinarity.

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CAPES/PROEX 2024-2028. E-mail: davilafrancesco@gmail.com

² Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da rede pública e privada de Sete Lagoas/MG. E-mail: fabiola.prof.geo@gmail.com

1. Introdução

O trecho do poema de João Guimarães Rosa (1908-1967), apresentado a seguir, retrata, de forma descritiva e poética, elementos constitutivos de uma preciosidade localizada no município de Cordisburgo – terra natal desse autor: a Gruta do Maquiné. Cordisburgo, cidade situada a 115 km da capital Belo Horizonte, abriga um patrimônio de relevância histórica e científica, descoberto em 1825, que apresenta vestígios da ocupação pré-histórica na região. A Gruta do Maquiné faz parte do Circuito das Grutas de Minas Gerais³, que também inclui a Gruta Rei do Mato (Sete Lagoas) e a Gruta da Lapinha (Lagoa Santa).

*cachoeiras de pedra,
cabeleiras de pedra,
moitas e sarças de pedra,
e sonhos d'água, congelados em calcário.
Andares superpostos, hieróglifos, colunas,
estalagmitas subindo para stalactites,
marulhos gotejando das pontas rendilhadas:
– Plein!... ritmos do Infinito...
– Plein!... e séculos medidos por milímetros...
(Gruta do Maquiné, João Guimarães Rosa.)*

Com importância inquestionável para o entendimento da história natural e cultural da região, desde sua descoberta há 200 anos, o lugar tem se configurado como uma plataforma de pesquisa fértil para diversos campos de estudo, principalmente pelas áreas da Geologia e Arqueologia. Em 1834, o naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880), considerado o pai da Paleontologia e Arqueologia no Brasil, levou a cabo uma expedição que durou mais de 10 anos pelas Grutas do vale do Rio das Velhas, revelando diversos aspectos da fauna de mamíferos, além das principais transformações ambientais constatadas desde o período Pleistoceno⁴.

Assim como a Gruta do Maquiné tem atraído, há décadas, pesquisadores e turistas do mundo todo diariamente, o espaço também tem recebido grupos escolares, coordenados por professores de diversas áreas, cada vez mais interessados em experiências práticas e observações diretas dos conteúdos

³ O Mapa do Circuito das Grutas pode ser conferido em: <https://circuitodasgrutas.com.br/>.

⁴ O Pleistoceno é uma época geológica que durou aproximadamente 2,6 milhões de anos, indo até cerca de 11.700 anos atrás. Foi marcado por flutuações climáticas, glaciações e a presença de espécies agora extintas, como mamutes e tigres-dentes-de-sabre.

abordados, possibilitando aos estudantes aplicar as teorias aprendidas em sala de aula ao contexto real. É nessa conjuntura que surge o projeto interdisciplinar *Viagem Geoartística*, desenvolvido pelo professor de Arte Francesco D'Avila e pela professora de Geografia Fabíola Vasconcelos, direcionado a estudantes do primeiro ano do Novo Ensino Médio da Escola Estadual Bernardo Valadares de Vasconcelos, Sete Lagoas-MG, entre os meses de outubro e novembro de 2023.

Por natureza, o termo geoartístico já nos indica uma relação entre duas áreas do conhecimento: Geografia e Arte. O termo geoartístico é compreendido, neste trabalho, como uma abordagem educativa que propõe a exploração do espaço a partir da articulação entre percepção artística e pensamento geográfico, estimulando uma leitura crítica e sensível do território. A interação entre essas áreas do conhecimento foi fundamental para o desenvolvimento do projeto, que, desde sua concepção, buscou integrar esses dois saberes. Assim, a proposta, por sua própria definição, é interdisciplinar. Projetos dessa natureza são respaldados pela Base Nacional Comum Curricular, que entre outras afirmações,

[...] destaca abordagens transversais e integradoras, a partir de uma organização curricular que contempla a “interdisciplinaridade, com a intencionalidade de se obter estratégias mais criativas, interativas e colaborativas para a construção do ensino” (Brasil, 2017, p. 12).

A interdisciplinaridade foi efetivamente implementada por meio da metodologia da aula de campo, a qual se revela fundamental para essa abordagem, pois possibilita que os estudantes experienciem, de forma prática, conceitos provenientes de diferentes disciplinas inseridos em um contexto real. Ao conectar teoria e prática, a aula de campo favorece a integração de saberes, tornando o aprendizado mais contextualizado para os estudantes. De acordo com Oliveira e Assis, a aula de campo se caracteriza como:

[...] uma atividade extra sala/extra escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende a elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido (Oliveira; Assis, 2009, p. 192).

Apesar das recorrentes menções à importância da interdisciplinaridade nos documentos normativos da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular, ainda é pouco investigado, na prática docente, como experiências interdisciplinares podem se materializar de forma concreta no cotidiano escolar, especialmente fora do espaço tradicional da sala de aula. Nesse sentido, o relato e a reflexão sobre esta experiência buscam compreender de que modo a aula de campo pode funcionar como uma estratégia metodológica capaz de articular saberes distintos, como os da Arte e da Geografia, promovendo aprendizagens significativas e sensíveis para os estudantes.

A metodologia adotada neste relato de experiência fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e reflexiva, centrada na observação participante dos professores envolvidos na ação pedagógica. A proposta da Viagem Geoartística foi desenvolvida a partir de um planejamento conjunto entre os componentes curriculares de Arte e Geografia, envolvendo etapas de preparação teórica em sala de aula, pesquisa orientada no laboratório de informática, vivência prática por meio da aula de campo na Gruta do Maquiné e posterior sistematização das experiências em atividades pós-visita. Os registros fotográficos realizados pelos próprios estudantes, os questionários aplicados ao final da viagem e os relatos orais e escritos serviram como materiais de análise, sistematização e documentação da experiência.

O referencial teórico apoia-se na Base Nacional Comum Curricular, que valoriza práticas interdisciplinares e integradoras, e nos estudos de Edgar Morin, que defende a construção de um pensamento complexo frente à fragmentação do saber. Também são mobilizados autores como Marques, Mota e Souza (2020), que destacam o potencial da aula de campo na articulação entre teoria e prática, e Carl Sauer, que contribui com reflexões sobre a leitura geográfica dos territórios.

O texto organiza-se em dois eixos centrais: o primeiro dedica-se ao relato da prática, com ênfase na experiência geoartística desenvolvida na Gruta do Maquiné; o segundo propõe uma reflexão sobre a aula de campo como estratégia pedagógica interdisciplinar, evidenciando seu potencial de articulação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e a vivência concreta no território explorado.

2. Da sala de aula ao campo: o relato da prática

Esse capítulo está estruturado nas seguintes seções: a preparação, a execução, as atividades pós-viagem e os comentários dos alunos sobre a saída de campo.

2.1 Preparação

A Viagem Geoartística surgiu da colaboração entre os professores de Arte e Geografia ao longo do ano letivo de 2023. A constatação de que esses dois componentes curriculares compartilham múltiplos aspectos motivou os educadores a elaborarem uma proposta integradora, visando a promover uma experiência de ensino-aprendizagem mais expressiva no contexto escolar. Geografia e Arte compartilham, como pontos centrais de convergência, a capacidade de interpretar e representar o mundo que nos cerca. Ambas incorporam perspectivas culturais, sociais e históricas, ao investigar em conjunto as relações entre espaço, lugar e experiência humana.

Diante de tais percepções, um projeto de viagem foi elaborado e encaminhado ao setor pedagógico e à direção escolar, com o objetivo de angariar verba para sua realização. A proposta apresentada dizia respeito a uma viagem para a cidade de Cordenburgo, na qual seria possível visitar a Gruta do Maquiné com uma turma específica de estudantes, a turma 103 do Novo Ensino Médio, turma em que ambos os professores atuavam em seus respectivos componentes. A proposta foi apresentada em outubro e aprovada para a realização no mês de novembro de 2023.

Ao idealizar a viagem como uma prática interdisciplinar entre Arte e Geografia, valorizou-se a possibilidade de explorar não apenas os aspectos geológicos e geográficos relacionados à formação da gruta, mas também de captar artisticamente a atmosfera singular e as características visuais desse ambiente subterrâneo. Para tanto, foi necessário elaborar práticas que preparassem os estudantes para vivenciar essa experiência, e assim foi feito. Primeiramente, os dois professores elaboraram um *PowerPoint* colaborativo no qual apresentaram os principais aspectos dos conteúdos que seriam abordados e, em horário de contraturno, reuniram-se com os estudantes da turma participante para uma aula integradora entre as disciplinas, como pode ser observado na figura 1.

Figura 1 – Aula expositiva Geoartística na escola



Fonte: acervo pessoal dos pesquisadores (2024).

Os temas apresentados na aula integradora abordaram desde aspectos históricos da Gruta do Maquiné (ano de descoberta, achados científicos e outros dados) até conteúdos específicos de cada componente curricular, como, por exemplo: arte rupestre, formação geológica, significado cultural e histórico etc. No transcorrer da aula, buscou-se constantemente uma interação que possibilitasse a construção de debates em torno dos temas abordados. Questionamentos foram provocados nos estudantes, estimulando a curiosidade e o interesse. Dentre as diversas contribuições potenciais da aula integradora, destacam-se, entre outras, a integração das disciplinas, a contextualização histórico-cultural e, evidentemente, a preparação para a viagem. Essa primeira aula teve caráter introdutório, sendo necessária a utilização de outros recursos pedagógicos para o desenvolvimento do projeto.

Outro recurso pedagógico utilizado foi a pesquisa no laboratório de informática, como demonstra a figura 2, e que teve como objetivo promover maior autonomia no processo de aprendizagem dos estudantes. Se, na aula integradora, os professores estavam mais à frente do processo de construção do conhecimento, nas pesquisas no laboratório, diante do exercício proposto, os estudantes foram capazes de direcionar suas investigações a partir de seus interesses pessoais. A proposta era que cada um desenvolvesse um resumo, com no mínimo 20 linhas, apontando as principais informações que conseguissem angariar.

Figura 2 – Prática na sala de informática da escola



Fonte: acervo pessoal dos pesquisadores (2024).

Enquanto os estudantes se preparavam para viver a experiência, os professores e a direção da escola realizavam os trâmites burocráticos. A direção elaborou orçamentos com três empresas de transporte escolar e fechou contrato com uma delas. Os professores responsáveis pelo projeto entraram em contato com o setor administrativo da Gruta do Maquiné, com o objetivo de agendar o melhor dia e horário para a realização da visita. A visita foi marcada para o dia 29 de novembro de 2023, às 14h. Como é de costume para grupos escolares que se destinam a Cordisburgo, na parte da manhã também foi agendada uma visita ao Museu Casa Guimarães Rosa.

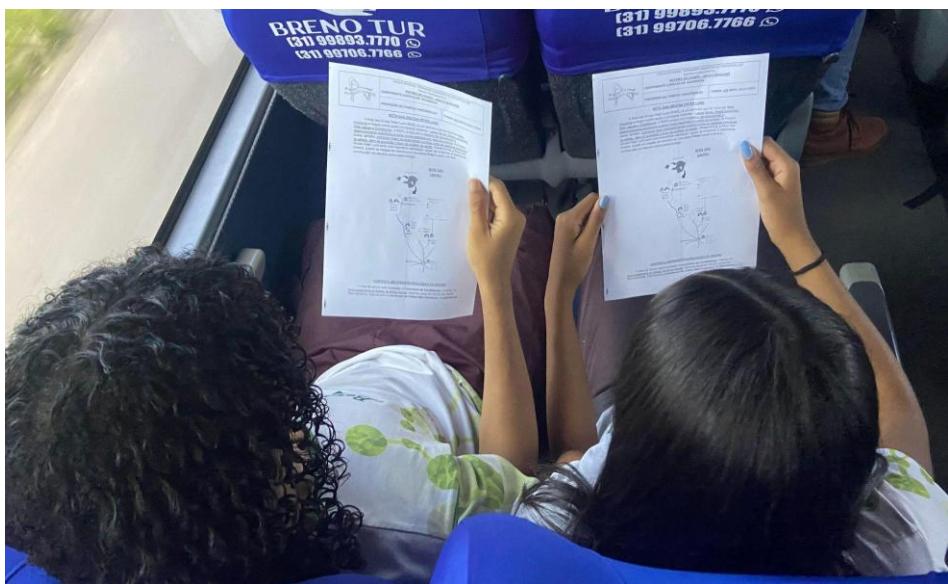
2.2 Execução

A direção da escola preparou dois lanches: um café da manhã servido antes do embarque, com suco e pão de queijo, e um almoço com suco e hambúrguer. Apesar disso, os estudantes foram orientados a levar lanches e bebidas geladas para o dia. Com todos os preparativos concluídos, o embarque ocorreu às 8h do dia 29 de novembro, em frente à escola. Vinte e cinco alunos da turma 103, autorizados pelos responsáveis, participaram da única viagem do ano letivo de 2023.

Houve o entendimento de que viajar é mais do que apenas o destino final; ou seja, o percurso poderia oferecer experiências e descobertas. Nesse sentido, a Viagem Geoartística foi um acontecimento que se inaugurou a partir do momento em

que se atravessaram os portões da escola. Foi elaborado um roteiro/mapa com informações sobre o circuito das grutas, para permitir aos estudantes observar a paisagem, identificando elementos naturais como as formas de relevo, os tipos de vegetação, as condições climáticas, e também elementos humanos, como a exploração econômica do território (indústrias, empresas ou fazendas à beira da BR), impactos ambientais devido à ação humana, dentre outros aspectos. Na figura 3, observamos a utilização do roteiro/mapa, que permitiu aos estudantes aproveitar o trajeto para aprender.

Figura 3 – Estudantes fazem uma leitura de mapa no trajeto



Fonte: acervo pessoal dos pesquisadores (2024).

Em Cordisburgo, a visita começou às 9h no Museu Casa Guimarães Rosa e terminou às 10h. Em seguida, o piquenique/almoço ocorreu na Praça Zoológico de Pedra, que abriga esculturas de mamíferos de pedra inspiradas nos fósseis encontrados na expedição de Lund, incluindo uma preguiça gigante. Às 14h, os estudantes foram divididos em dois grupos para a visita à gruta, recebendo EPIs como capacete e rede para prender os cabelos. Os estudantes receberam instruções dos guias, que destacaram regras como: seguir o guia à frente e permanecer na área delimitada, não comer durante a visita (apenas beber água), não recolher ou tocar nas paredes da gruta, tirar fotos apenas nas paradas e manter atenção para evitar acidentes.

Cada professor acompanhou um dos grupos de visitação, e a experiência teve duração de 60 minutos. Os guias iniciaram com uma breve contextualização da gruta e, posteriormente, conduziram os visitantes para o interior da mesma. A Gruta do Maquiné é imensa; porém, a visita abrange uma área de apenas 650 metros, que inclui sete salões: Salão do Vestíbulo, Salão das Colunas, Salão do Altar ou do Trono, Salão do Carneiro, Salão das Piscinas, Salão das Fadas e Salão Lund.

Figura 4 – Visitação Gruta do Maquiné



Fonte: acervo pessoal dos pesquisadores (2024).

Durante o trajeto, como podemos observar na Figura 4, os estudantes puderam acompanhar as belezas de cada um dos imensos salões e os elementos que os compunham, além de identificar elementos históricos, científicos e culturais a partir da narração da visitação pelos guias responsáveis. Enquanto os estudantes contemplavam as maravilhas dos sete salões, a proposta consistia em que, mediante um olhar atento e crítico sobre o que observavam, eles experimentassem a prática artística da fotografia, registrando aspectos da paisagem que lhes despertassem interesse e atenção. A fotografia foi estrategicamente escolhida como prática artística *in loco*, visto a praticidade que proporciona. Todos os estudantes

teriam um telefone em mãos, não sendo necessários outros recursos materiais durante o trajeto.

No percurso, os guias destacaram figuras esculpidas nas formações rochosas, como um altar, um elefante, um carneiro, um monstro e uma referência ao Pão de Açúcar (cartão-postal do Rio de Janeiro), incentivando os visitantes a observá-las para a proposta fotográfica. Um dos momentos mais interessantes, alinhado aos estudos de arte, foi a apreciação das pinturas rupestres na entrada da gruta⁵, entre elas a representação bem preservada de uma vulva (órgão genital feminino), sinalizando a presença humana remota no local.

Figura 5 – Pintura rupestre



Fonte: acervo pessoal dos pesquisadores (2024).

Com a finalização da visita, a viagem se encaminhou para o fim, com o regresso para Sete Lagoas, exatamente para o local de onde se partiu: a Escola Estadual Bernardo Valadares de Vasconcellos. Na semana posterior à viagem, as aulas dos componentes envolvidos no projeto foram dedicadas a trabalhar todos os elementos até ali abordados, os quais serão mais bem detalhados no tópico a seguir.

⁵ As figuras rupestres, pertencentes à tradição Planalto e datadas de cerca de 7 mil anos, estão localizadas exclusivamente na lapa de entrada da Gruta do Maquiné, evidenciando a passagem de humanos ancestrais pelo local; no entanto, não há indícios de que tenham adentrado e percorrido o interior da gruta.

2.3 Atividades pós-viagem

No período subsequente à saída de campo, diversas estratégias pedagógicas foram adotadas com o intuito de aprofundar e sistematizar os conhecimentos adquiridos durante a visita à Gruta do Maquiné. Além das atividades específicas desenvolvidas após a viagem, como a criação de um Padlet colaborativo e a aplicação de um questionário reflexivo, as aulas dos componentes curriculares também foram utilizadas para ampliar o entendimento sobre os temas observados, com destaque para a arte rupestre e seu reconhecimento como patrimônio cultural. Dessa forma, buscou-se promover uma articulação entre a experiência vivencial e os referenciais teóricos, favorecendo a construção crítica e interdisciplinar do aprendizado.

Diante dos estudos sobre a arte rupestre e da análise dessas inscrições, tornou-se possível refletir de forma mais aprofundada sobre o patrimônio cultural, visto que, no Brasil, essas pinturas são reconhecidas como patrimônio material, de acordo com a Lei nº 3.924/61, de 26 de julho de 1961, que as coloca sob a guarda do Poder Público. Isso pode ser observado na referida lei, mais precisamente no artigo 2º, que determina o que são considerados monumentos arqueológicos ou pré-históricos: “d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios” (Brasil, 1961, s.n.).

As aulas dos dois componentes curriculares propuseram reflexões complementares sobre a arte rupestre, ampliando a compreensão dos estudantes a partir de diferentes perspectivas. No campo da Arte, as inscrições foram analisadas como formas simbólicas e expressivas, que revelam modos de ver, sentir e representar o mundo por parte dos povos ancestrais. Já na Geografia, o enfoque recaiu sobre a relação entre essas manifestações e o espaço geográfico em que foram produzidas, permitindo discutir aspectos como o uso e a ocupação do território, as condições naturais das cavernas e sua preservação enquanto patrimônio cultural.

Como dito anteriormente, as aulas também foram utilizadas para desenvolver duas atividades específicas: o Padlet colaborativo e a aplicação de um questionário com perguntas de caráter reflexivo, buscando compreender as impressões e aprendizagens resultantes da experiência vivenciada.

Para desenvolver a atividade no Padlet, os professores criaram previamente a página na plataforma, que serviria como espaço para a inserção das contribuições dos estudantes. A proposta consistia em que cada aluno escolhesse uma imagem fotográfica registrada durante a visita à gruta, produzida individualmente ou em dupla, e a publicasse na plataforma, acompanhada de uma pequena descrição autoral. Essa descrição poderia conter impressões pessoais, observações ou reflexões sobre a imagem selecionada. O link da página do Padlet foi compartilhado com os estudantes em sala de aula por meio de um QR Code, o que facilitou o acesso imediato à plataforma. A partir desse momento, os alunos tiveram o prazo de uma semana para acessar o ambiente virtual e realizar sua postagem individual, com base nos registros feitos ao longo da atividade de campo.

Dos 25 estudantes envolvidos na atividade, 21 a concluíram plenamente, ainda que o número total de postagens no Padlet tenha sido de 15. Essa diferença se deve ao fato de que alguns alunos, por questões técnicas, como a falta de celular no momento da visita à gruta ou problemas para realizar registros próprios, optaram por trabalhar em duplas. Nesses casos, acompanharam colegas que possuíam dispositivo com câmera e, juntos, escolheram e descreveram uma imagem em parceria. O resultado dessa prática pode ser conferido na figura 6, apontando a câmera do celular para o QR Code.

Figura 6 – QR Code Padlet



Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2024).

A segunda tarefa consistiu em um breve questionário com duas perguntas escritas no quadro, que os alunos deveriam responder por escrito, de forma individual, em uma folha separada. As perguntas foram as seguintes:

1. Descreva as paisagens naturais e humanas que vocês observaram durante a viagem. Elas estavam preservadas? Quais elementos estavam presentes em cada uma delas?
2. O que você sentiu durante a viagem? Quais emoções as visitas, a interação com os colegas e o caminho percorrido despertou em você?

A primeira questão convidava os estudantes a observar e descrever as paisagens naturais e humanas vistas durante a viagem, incentivando um olhar atento à preservação ambiental e aos elementos presentes em cada cenário. Já a segunda pergunta buscava acessar o plano emocional da experiência vivida, convidando-os a refletir sobre os sentimentos despertados ao longo do percurso, nas visitas e nas interações com os colegas.

No tópico a seguir, apresentamos alguns relatos produzidos pelos estudantes, selecionados por sua expressividade e por evidenciarem aspectos significativos da experiência durante a aula de campo.

2.4 Os estudantes comentam a experiência

Durante a leitura dos relatos dos estudantes, identificamos uma dimensão ainda não pensada por nós: a dimensão da experiência, noção trabalhada também pelo espanhol Jorge Larrosa Bondía (2001), Doutor em pedagogia pela Universidade de Barcelona. Diante desses relatos, percebemos que a Viagem Geoartística era uma proposta pedagógica que privilegiava a experiência e os estudantes como *sujeitos da experiência*, já que foram incentivados a sentir, observar, registrar e refletir com liberdade e protagonismo, mobilizando seus sentidos, afetos e saberes na construção de conhecimento.

[...] a experiência, a possibilidade que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Bondía, 2001, p.24)

Sair dos limites dos espaços formais de ensino promoveu uma mudança de estado de espírito nos alunos, que se tornaram mais abertos e receptivos ao

conhecimento fora dos muros da escola e em contato direto com objetos de estudo, tanto da Geografia quanto da disciplina de Artes. Os relatos mais significativos dizem respeito à pergunta: "O que você sentiu durante a viagem? Quais emoções as visitas, a interação com os colegas e o caminho percorrido despertaram em você?". As respostas revelaram, de diferentes formas, a abertura dos estudantes para vivenciar a experiência. Os relatos evidenciaram como a atividade mobilizou memórias, despertou sentimentos diversos e proporcionou momentos de prazer, alegria e conexão entre os estudantes.

Para preservar a identidade dos alunos e trazer para o texto algumas dessas respostas, utilizamos nomes de espécies vegetais específicas do Cerrado, bioma da região onde ocorreu o campo, para representá-los. O estudante aqui representado como *Jatobá* diz em sua resposta: *Foi uma viagem muito boa, algo explicativa, aprendi bastante coisas, espero que tenha mais viagens assim sempre, eu me senti ótimo. A melhor parte foi a do lanche comemos muitas coisas e colhemos mangas no pé. Uma caixa de marimbondo até caiu e uma quase foi no olho do colega⁶, foi muito engraçado.*

Aqui se pode perceber que os momentos de socialização promovidos pela viagem também foram muito importantes para construção do conhecimento pelos alunos e para criação de memórias afetivas. A expectativa desse estudante em viver mais momentos assim na escola e considerar a viagem autoexplicativa, também nos mostram que a vivência fora da sala desperta o interesse e aguça a atenção e os sentidos desses jovens.

A estudante aqui representada como *Mangaba* relata: *Me senti muito ansiosa como se eu estivesse em uma aventura. Felicidade, adrenalina e um pouco de medo de cair dentro do buraco da gruta sempre que eu escorregava.* A descrição das sensações, inclusive de adrenalina, feita pela aluna nos mostra a experiência do corpo, um corpo que viveu e sentiu aquele momento intensamente, o que pode aumentar as chances de absorção dos conhecimentos transmitidos ali pela alteração fisiológica do corpo proporcionar maior atenção e capacidade de assimilação de informações.

⁶ Mantivemos a resposta original dos alunos, o que inclui eventuais erros de gramática e ortografia. Apenas usei o termo "colega" para preservar o nome escrito pelo aluno.

O aluno identificado como *Buriti* traz em sua resposta: *Durante a viagem me senti bem. As visitas me fizeram voltar ao passado, me fez pensar em várias coisas.* Aqui identifica-se até uma outra categoria de análise geográfica diferente da de paisagem (trabalhada com mais ênfase no campo) que é a categoria de lugar. As visitas a esses lugares despertaram neste estudante emoções e memórias afetivas específicas e pessoais, como na definição de Suertegaray (2003, p.8) “nos remete à reflexão de nossa relação com o mundo.” Das muitas perspectivas acerca da definição de lugar, o que se pode tirar a partir da experiência desses estudantes é a noção de corporeidade, ou seja, como o mundo vivido se relaciona com a escala global de mundo (local-global).

3. Aula de campo como recurso didático interdisciplinar

A análise da aula de campo como ferramenta pedagógica interdisciplinar, sob várias perspectivas, vem sendo discutida já há algumas décadas, por geógrafos e pensadores de outras áreas - da educação, por exemplo - como Yves Lacoste, Jorge Larrosa Bondía, Carl O. Sauer, Jean Piaget, dentre vários outros. No artigo intitulado *Aulas de Campo no Ensino da Geografia: uma visão pela literatura científica brasileira*, Marques, Mota e Souza realizaram uma revisão bibliográfica da temática, com um recorte temporal de produções brasileiras que datam do período entre 2011 e 2019 e, a partir de suas investigações, classificaram os assuntos mais abordados em categorias de análise. Destas, três são importantes para compreendermos o que os estudos dizem a respeito das aulas de campo: (1) ensino da Geografia em espaços não formais, (2) interdisciplinaridade, Geografia e campo e (3) a importância do campo para a leitura crítica do espaço.

Em relação à primeira categoria citada, Marques, Mota e Souza (2020, p. 361) diferenciam os espaços formais e não formais de ensino. Em relação aos espaços formais “são entendidos como instituições educacionais pelo poder público e aceitas pela sociedade e, espaços não formais referem-se a instituições para prática de ensino, mas não com a função de oferecer educação formal ligada à organização curricular”. Desse modo, a aula de campo, que abarca esses espaços não formais de ensino, favorece a correlação, pelos estudantes, dos conteúdos absorvidos nos espaços escolares formais com a vivência *in loco*, contribuindo para o

aperfeiçoamento de uma visão crítica da realidade, além da capacidade de análise e investigação científica.

Já no interior da segunda categoria destacada, os estudos analisados pelas autoras evidenciam um favorecimento da interdisciplinaridade nas aulas de campo de Geografia, devido à amplitude do objeto de estudo da ciência geográfica, que acaba por beber da fonte de vários outros domínios científicos. Concordando com Marques, Mota e Souza (2020, p. 363), a aula de campo, por natureza, tem caráter interdisciplinar, visto que “por intermédio do campo, é possível que o estudante desenvolva uma visão integradora do espaço e de seus processos”.

Por fim, na categoria 3, as autoras destacam que os estudos analisados que abordam essa perspectiva indicam a grande importância dos trabalhos de campo para que os estudantes possam adquirir uma visão crítica de mundo, a partir de sua participação ativa ao longo da experiência, humanizando-os e tornando-os discentes alfabetizados cientificamente. Portanto, é importante que essa leitura de mundo possa ser aguçada em “espaços não formais, parques, museus, cinemas, trilhas em reservas ambientais, favorecendo experiências e percepções diversas que dificilmente aconteceriam dentro da sala” (Marques, Mota; Souza, 2020, p. 363).

No que se refere à interdisciplinaridade, aprofundamos a discussão a partir da proposta de Edgar Morin, sociólogo e filósofo francês, que defende uma abordagem inter e transdisciplinar para a compreensão dos fenômenos complexos. Através do seu Paradigma da Complexidade⁷, Morin (1994) chama a atenção para os riscos da produção científica quando esta se fecha em si mesma, destacando o lado mau de uma ciência que, há três séculos “não faz mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento.” (Morin, 1994, p.15).

O desenvolvimento disciplinar das ciências não traz unicamente as vantagens da divisão do trabalho (isto é a contribuição das partes especializadas para a coerência de um todo organizador), mas os inconvenientes da superespecialização: enclausuramento ou fragmentação do saber. (Morin, 1994, p. 16).

⁷ O pensamento da complexidade propõe uma visão integrada e não reducionista da realidade, reconhecendo a interconexão e a imprevisibilidade dos fenômenos. Para Morin, “se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a relevá-lo e, por vezes, mesmo a ultrapassá-lo” (Morin, 1995 a, p. 11).

Para o autor, a construção de um pensamento complexo deve ir ao encontro da contextualização e a interdisciplinarização do conhecimento. Nas palavras do autor, “o pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário” (Morin, 2005, p. 23). Em convergência com a proposta aqui relatada, reconhece-se na aula de campo realizada uma potente estratégia para a formação de um pensamento complexo, capaz de dialogar com as múltiplas dimensões que compõem uma realidade igualmente complexa.

A Gruta do Maquiné é geográfica por sua constituição geológica, inserção territorial e pelas relações socioespaciais que provoca. É artística enquanto objeto de leitura estética, capaz de ser interpretado por meio de linguagens visuais, poéticas e performativas. Na Viagem Geoartística apresentada aqui, a Gruta do Maquiné é o ponto de confluência das propostas de cada componente curricular, e a saída de campo configura-se como o eixo articulador da experiência interdisciplinar vivida pelos estudantes.

Todas as etapas do projeto foram concebidas com a intencionalidade de promover uma abordagem interdisciplinar entre Arte e Geografia. Desde os momentos iniciais de planejamento até as atividades pós-visita, buscou-se integrar saberes e práticas de ambas as áreas, rompendo com a lógica compartimentada do currículo escolar. Embora essa interdisciplinaridade tenha permeado toda a experiência, destacamos, a seguir, duas estratégias que evidenciam com maior clareza essa articulação: o uso de mapas, que, além de cumprirem função técnica, foram explorados como instrumentos de leitura estética e espacial do território; e a prática da fotografia, que permitiu aos estudantes desenvolverem um olhar sensível e investigativo sobre os elementos da paisagem, articulando percepção visual, análise geográfica e expressão artística.

Além do estudo e leitura de mapas realizados nas aulas preparatórias para a saída, um mapa do Circuito das Grutas⁸ foi trabalhado com os estudantes⁹ para identificação do caminho a ser percorrido e dos locais a serem visitados. Através

⁸ O Circuito das Grutas de Minas Gerais foi criado em 2003 pelo governo mineiro vigente naquele ano, como parte da Federação das Associações dos Circuitos Turísticos (FECITUR), com o objetivo de fomentar o turismo da região. Para saber mais veja: TAVARES, J. M.; VIEIRA JUNIOR, J. A.; QUEIROZ, S. F. Circuitos turísticos de Minas Gerais: uma análise a partir de ferramentas de geoprocessamento. *Revista Turismo em Análise*, [S. I.], v. 21, n. 1, p. 25-47, 2010.

⁹ Como mostram as figuras 1 e 3 do tópico anterior.

desse mapa, ao longo do trajeto, a observação das paisagens e suas nuances também foi solicitada, com o objetivo de contextualizar as características fitofisionômicas¹⁰ da vegetação, as formas de relevo, as formações geológicas, bem como as peculiaridades das áreas urbanas e rurais presentes no percurso.

A proposta visava promover a identificação da área a ser explorada e o desenvolvimento de habilidades de geolocalização, atribuindo ao uso do mapa não apenas uma função técnica, mas também uma dimensão estética. O mapa foi empregado como recurso interpretativo para a leitura do trajeto e da paisagem, integrando a análise de elementos geográficos à percepção artística do território.

Os mapas demandam atenção ao mesmo tempo sinóptica e analítica. Que tipo de estrada está assinalada, que país atravessa? Seus símbolos são traduzidos em imagens, e estes convergem para imagens mentais formando associações significativas de terra e vida. Nós os utilizamos como guias tangíveis e os desfrutamos quando viajamos em nossa poltrona. (Sauer, 1956, p.289).

Outra atividade com forte apelo interdisciplinar desempenhada durante a visita de campo foi a fotografia. Com um “olhar fotográfico” e do ponto de vista da Arte e Geografia, os estudantes puderam investigar diversos elementos e perspectivas de forma relacional, como as formações geológicas a partir da ideia de esculturas naturais; a relação da imagem com luz e sombra que emergem naturalmente ou tecnologicamente dentro da gruta; perspectivas, narrativas e visualidades. Esse tipo de registro contribui para que os estudantes se tornem sujeitos ativos da investigação, ampliando a percepção crítica sobre o espaço e os conteúdos abordados. Na aula de campo, de acordo com Marques, Mota e Souza (2020, p. 363), “é possível tomar fotografias, registrar dados em diários de campo com relatos e informações coletadas durante as atividades que são relevantes para o processo de ensino-aprendizagem”.

4. Considerações finais

Tanto a Arte quanto a Geografia, no contexto escolar, apresentam uma dimensão teórico-prática. Essa abordagem possibilitou aos estudantes uma compreensão mais aprofundada dos conteúdos e conceitos trabalhados, ao mesmo

¹⁰ Tipos de vegetação presentes em um determinado bioma.

tempo em que proporcionou condições para aplicarem esses conhecimentos de forma prática.

Os aspectos geográficos dessa experiência contribuíram para a superação de uma dicotomia que existe desde a origem da ciência geográfica entre Geografia Física e Geografia Humana. As características do sistema cárstico do qual a Gruta do Maquiné faz parte, bem como o relevo, a vegetação, o clima e a biodiversidade do entorno, foram trabalhados da mesma maneira e com a mesma importância que os aspectos humanísticos da viagem, tais como as relações dos corpos com os espaços visitados, a análise sob a perspectiva de lugar e a socialização dos estudantes também como forma de relação com o espaço.

Além dos aspectos geográficos, a experiência também proporcionou uma aproximação com o universo artístico, especialmente no que se refere à arte rupestre, um conteúdo muitas vezes distante dos alunos nas abordagens tradicionais. A experiência fotográfica, proposta como uma das atividades artísticas instigou nossos alunos a refletirem sobre o espaço de forma criativa, permitindo que explorassem e registrassem o ambiente de maneira subjetiva.

A partir da reflexão e da construção deste relato sobre a experiência vívida, constatou-se que ainda são escassos os estudos voltados ao impacto da aula de campo no domínio da Arte dentro do contexto escolar. Apesar de ser amplamente reconhecida em outras áreas, como a Geografia, a prática da aula de campo em Arte carece de maior exploração acadêmica, sobretudo no que diz respeito ao seu potencial de conectar os alunos de forma prática e sensível aos conteúdos trabalhados. Essa lacuna aponta para a necessidade de mais investigações que evidenciem como essas vivências podem ampliar a compreensão e a valorização da Arte no ambiente escolar.

Sobretudo, essa experiência demonstrou como a Arte e a Geografia estão mais conectadas do que se imagina, proporcionando uma maneira mais criativa e dinâmica de entender o mundo. A vivência na Gruta do Maquiné revela um potencial que pode ser expandido para outros contextos, ampliando as possibilidades de integração entre Arte e Geografia na escola.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961**. Dispõe sobre os monumentos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3924.htm. Acesso em: 22 jan. 2025.

MARQUES, Aline Mattos de Souza; MOTA, Marina de Souza; SOUZA, Maria Alice Veiga Ferreira de. Aula de campo no ensino de geografia: uma visão pela literatura científica brasileira. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. I.], v. 10, n. 20, p. 357–372, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/887>. Acesso em: 2 fev. 2024.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Col. Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Astória, 1995.

OLIVEIRA, C.D.M; ASSIS, R.J.S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.1, p. 195-209, jan/abr 2009.

SUERTEGARAY; Dirce Maria Antunes. Conceitos geográficos: concepções e significados. **III Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro**. Dep. Geografia UFRGS, 2003.

SAUER, Carl. A educação de um geógrafo [The education of a geographer]. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 46, p. 287-299, 1956. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/235044251/A-Educacao-de-Um-Geografo-Sauer>. Acesso em: jan. 2024.